

Crédito escasso e juros altos demais

Vicente Nunes

Da equipe do **Correio**

Uma combinação perversa — dinheiro escasso e juros altos — está travando o crescimento da economia brasileira. Dados divulgados ontem pelo chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, mostram que o total de dinheiro emprestado pelo sistema financeiro, quando comparado ao Produto Interno Bruto (PIB), é o menor em sete anos. Em 1995, primeiro ano do governo de Fernando Henrique Cardoso, as operações de crédito correspondiam a 34,8%. No mês passado, não passavam de 24% do PIB. Os juros, por sua vez, explodiram. Na média, as taxas cobradas de pessoas físicas e jurídicas estão em 83,5% ao ano. São as maiores desde fevereiro de 2000.

O mais assustador nos números revelados pelo BC foram os expressivos ganhos contabilizados pelos bancos nos emprésti-

mos. De uma taxa de 163,9% ao ano cobrados nos cheques especiais, 142,2 pontos percentuais vão para o caixa das instituições por meio do que elas chamam de *spread*. Ou seja, para financiar os usuários do cheque especial, os bancos captam dinheiro no mercado a 21,7% ao ano. Mas repassam os recursos a uma taxa quase oito vezes maior. No caso dos empréstimos pessoais, a taxa média final de juros cobrada da população é de 91,8% ao ano. Desse total, mais de dois terços vão para os cofres dos bancos. “Isso é um escândalo”, disse o economista Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor da Dívida Pública do Banco Central.

Segundo Altamir Lopes, os juros cada vez mais altos cobrados de empresas e pessoas físicas refletem as incertezas que sacudiram o país no ano passado e o aumento da taxa básica da economia, a Selic, agora em 25,5% ao ano. Sobre o crescimento do *spread* bancário, ele justificou: “O *spread* está aumentando por

vários fatores. Ele reflete os impostos cobrados nas operações, a elevação dos depósitos compulsórios junto ao BC, que já somam R\$ 123 bilhões, e a inadimplência alta”. Os crédito em atraso, segundo o próprio BC, estão, porém, estáveis: 8%, na média — 4,2% entre as empresas e 14,8% entre as pessoas físicas.

MAIORES DO MUNDO

“Não há nada que justifique ganhos tão elevados para os bancos. Os *spreads* no Brasil são os maiores do mundo”, reclamou Carlos Mariani, vice-presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan). Na opinião de Roberto Faldini, diretor da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), as distorções reveladas pelo BC no mercado de crédito tornam ainda mais urgentes as reformas estruturais do país. “É o único caminho para se dar um choque de credibilidade em relação ao país”, disse.

Para desespero dos consumi-

dores que estavam pensando em comprar um carro a prazo, o chefe do Departamento Econômico do BC informou que essa foi a modalidade de investimento que mais encareceu nos últimos dois anos. Em janeiro de 2001, era possível adquirir um automóvel pagando juros anuais de 34,9% ao ano. Agora, as taxas estão em 55,5% — um aumento de 60%. Como, em média, os financiamentos de carros duram 24 meses, ao encerrar uma compra o consumidor pagará mais de dois carros ao final das prestações. O mesmo raciocínio vale para aqueles que comprem geladeiras, fogões e televisões no crediário. Essas mercadorias estão sendo ofertadas com juros médios de 80,7% ao ano.

No caso das empresas, cujos empréstimos bancários viabilizam o crescimento da produção e, por consequência, a criação de empregos, as taxas mais altas são cobradas nos descontos de duplicatas (56,1% ao ano) e nas contas garantidas (77,3% anuais).